



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Uma fábula árabe por **JULIO ALBERTO GUERREIRO**

Desenhos de **A. CASTAÑÉ**



destino fez com que, certa vez, se juntassem, após milhares de anos de peregrinação constante, já trémulos, vélhinhos, o Fogo, a Agua e a Reputação.

Passados os primeiros momentos, sem que nos róstos sulcados de rugas, (como areal atravessado, em todos os sentidos, pelas rodas pesadas dum carro de bois), se divisasse qualquer indício de hostilidade, além do da surpresa, com alegria talvez, o Fogo, por sinal o mais velho, propôs ás duas companheiras que, — (visto o Destino, num momento feliz, os ter juntado, depois duma vida errante e solitária) de futuro, passassem a viajar sempre juntos.

— «Cá por mim, — (disse a Agua) — aceito a tua proposta».

E, em sua voz cantante, perguntou esta à Reputação:

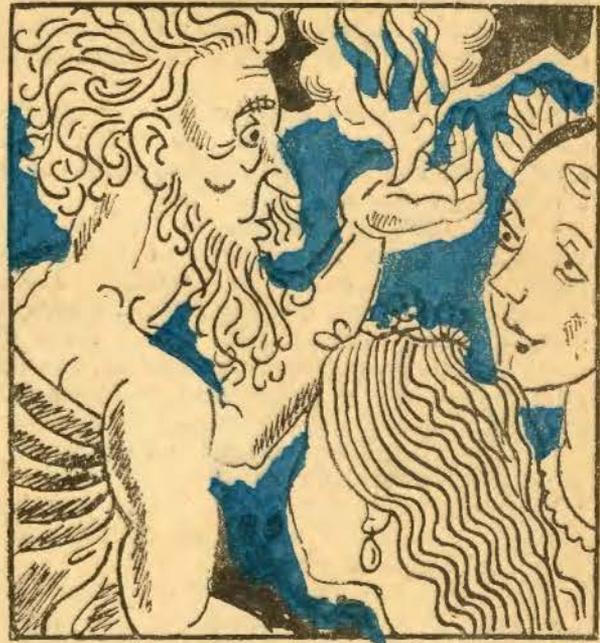
— «E tu?»

— «E' agradável ter uma afeição, emfim, um companheiro na vida — (responde a Reputação). Aceito!»

Iniciando, novamente a sua viagem pelo universo, o trio começou a contar a sua vida através dos séculos. O Fogo, como mais idoso, principiou a narrar:

— «A minha origem quem a conhece?! Quem eram os meus pais?»

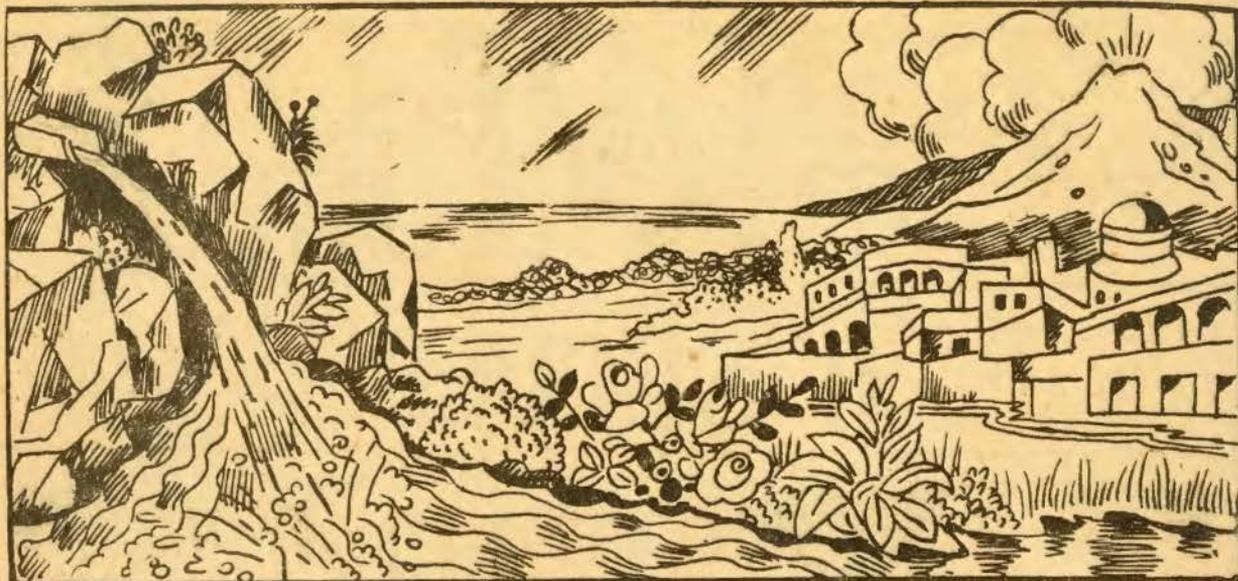
E' absoluta a ignorância de todos, o que, aliás, é desculpável, pois, nesses tempos, não existiam, ainda, as repartições do registo civil... Por isso, minhas amigas, contar-lhes-hei, sómente, a minha vida desde a formação da terra.»



E, andando um bocado e descansando outro, o Fogo continuou:

— «Nos primeiros tempos da formação da Terra, eu fui, o senhor dela; pouco a pouco, porém, alquebrado pelo tempo, que nada perdoa, fui perdendo o meu predomínio, isto é, a Terra foi arrefecendo. Depois de mim, já fria, a Terra, nasceu a planta; a seguir os animais e, por último, o homem.

Até á idade de ouro, época em que entre o género humano reinava a cândida Inocência, o meu fadário foi belo: era eu, qual anjo da guarda,



quem protegia o homem da voracidade das feras, por sinal de maiores dimensões do que as de hoje; era eu quem o alumia nas trevas horríveis da Noite; era eu quem, apesar do seu corpo estar coberto de pelos enormes, o preservava das cruéis garras do Frio; era eu, (quando mais tarde deixou de comer carne crua), quem lhe assava as peças de caça que apanhava para seu sustento; era eu quem o ajudava a dobrar a rijeza do ferro com que fabricava as lanças. E, enfim, tantos outros trabalhos!...

Atiçado pelo sopro duma sublime indignação, que estampou no seu rosto uma chama rubra, ameaçadora, mas que durou apenas um segundo, o velho Fogo continuou:

— «Não contente com isto, o Homem, êsse verme imundo da Terra, utilizou o meu grande poder para fins criminosos! Queimei Tróia; arrazei Roma; reduzi a cinzas Cartago. Na Inquição e noutras perseguições torpes, filhas de ódios de raça, de religião ou da ambição, queimei milhões e milhões de pessoas. Não satisfeito ainda, êsse torpe bicho utiliza-me para, na guerra, destruir, matar, incendiar, espalhando o luto, a dor, a desolação, a desventura!

De senhor onipotente da Terra, passei a protector do Homem e depois a escravo d'êste! Que cruel fadário o meu!»

Caiu um pesado silêncio entre os caminhantes.

— «O meu fadário, — (falou, por seu turno, a Água, interrompendo aquele silêncio) — o meu fadário é mais belo que o teu.»

E, na sua voz cantante, a Água pôs-se a contar:

— «Sem mim, não seriam célebres Ulisses nem Eneias; sem mim, não teriam fama os Argonautas que, chefiados por Jasão, foram à Colchida à procura do vélo de ouro; sem mim, o que seria Vasco da Gama? Como êstes, tantos outros!...

Imortalizei o nome da Fenícia, por intermédio, dos seus navegadores-comerciantes; dei a celebridade à pátria de Homero, pelos seus navegadores-geógrafos; por intermédio dos seus navegadores-conquistadores, ergui aos Céus e à Posteri-

dade, em letras douradas, o doce nome de Portugal! Mais ainda: transformada em neve, chuva, geada, cacimba, suaviso, qual escultor, os pináculos dos montes, as imperfeições da Natureza! Rego a Terra e, metendo-me por ela dentro, vou sair em qualquer parte, criando as fontes; depois, andando sempre, crio os regatos, as ribeiras, os riachos, os rios e entro, então, no vasto oceano. Daqui, pela evaporação lenta, ou levada pelas nuvens (que formam as trombas d'água), vou, novamente, para o céu, para descer, de novo, à Terra e ao mar. A minha vida é um círculo cuja órbita é: Céu, Terra, Már; Mar, Céu e Terra!

Sem mim, ai dos homens, ai dos animais, ai das plantas!»

Novo silêncio.

— «Dos três, — (falou, finalmente, a Reputação) — sou eu quem tem o mais belo destino a cumprir.»

Simple, modesta, a Reputação prosseguiu:

— «Eu dou aos mortais (que seguindo no campo da Dignidade e da Honra, procedem sempre conforme ordena a sábia Consciência) a felicidade e tranquilidade moral, a suprema Felicidade! Aquele que me tem, ainda que seja o mais ínfimo mortal, é feliz! Ouvi: vêde o nome de Egas Moniz que se repercutirá, sonoramente, através dos séculos, como modelo de Honra; em letras de fogo, está gravado na Eternidade o nome de D. João de Castro, outro símbolo de Honra; a magna figura, modelo de honradez de Martins de Freitas servirá de exemplo a todas as gerações futuras! Admire-se Penélope, louve-se Ulisses e imite-se Turrem, honesto até mesmo para com os velhacos!»

Nada há, entre os homens, como a confiança mútua das suas vidas, para tornar indeléveis os laços duma amizade nascente. Tornados amigos sinceros pelo conhecimento recíproco das suas vidas, o Fogo propôs, mais uma vez, que não mais se separassem.

(Continua na página 6)

# O CORAÇÃO DO MEU FILHO

POR GRACIETTE BRANCO

Se eu vejo o meu filho vir,  
ao pé de mim, a chorar,  
eu respondo-lhe a cantar  
e ele põe-se logo a rir...

Se chora, rabuja, amúa,  
como barco sem farol,  
eu mostro-lhe a luz do Sol,  
nunca lhe falo na lua...

Se, acaso, tem um «dói-dói»  
e se a chorar se demora,  
só lhe pergunto:—«O que foi?»  
Não é nada! Não se chora!»

Se o faço logo calar  
e se lhe insufla alegria,  
fica-se logo a brincar  
e anda a brincar todo o dia!...

Vê-lo rir! Vê-lo crescer,  
alegre, desde criança,  
tendo, em si, a luz da esp'rança  
que tudo sabe vencer!

Cabecinha levantada,  
para o Sol que já nasceu!



não tem que ver a calçada  
e há coisas lindas no Céu!

Quero da alma do meu filho  
—e por discreta maneira—  
fazer um grande farol,

de tanta luz, tanto brilho,  
que ilumine, a vida inteira,  
o coração do meu filho!

■ FIM ■

# O VINTEM PERDIDO

da TRADIÇÃO POPULAR

Um dia atravessei um jardim  
público onde encontrei uma crian-  
ça que parecia procurar um  
objecto perdido e que chorava  
muito.

—«Que tens tu, menino?» pre-  
guntei-lhe.

—«Ah, meu senhor, a minha  
mãe deu-me um vintem para  
comprar leite e eu perdi-o».

—«Pois bem, meu menino, essa



desgraça tem remédio. Aqui tens  
um vintem e não chores mais.  
Dito isto, afastei-me.

Mal tinha andado uns passos  
sinto que alguém corria atrás de  
mim. Era a criança que me di-  
zia, muito alegre: — «O' meu  
senhor, encontrei o meu vintém  
e aqui trago o que me deu.

■ FIM ■

# Jogo dos caçadores



66  
lebre



26  
raposa



60  
pombo



35  
leado



30  
codorniz



75  
rola



40  
coelho



45  
lebre



20  
rola



80  
coelho



desastre na caça



18  
perdiz



86  
perdiz



90  
caça perdida



13  
rede perdida



15  
pombo



11  
raposa



100  
côrca



6  
codorniz



12  
lebre



# O Burro

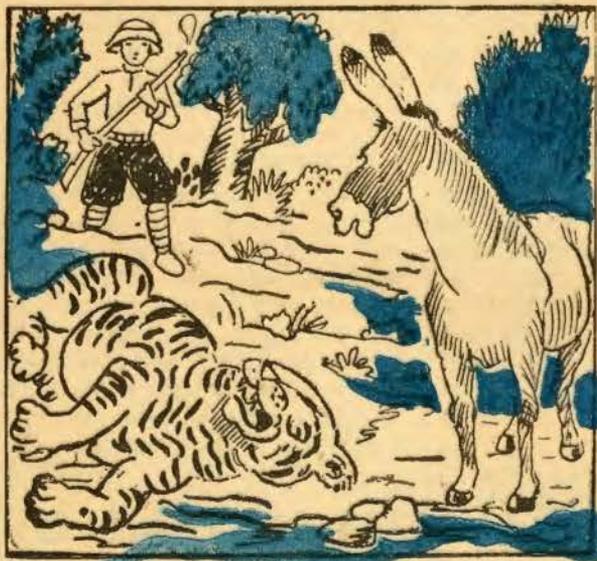
Por AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

**C**ERTO dia, num mato tropical, pacífico, pastava um burro em pêlo, quando, subitamente, do animal outro animal se abeira, altivo e belo.

Era um tigre feroz que contrastava com o deselegante e dócil burro, o qual, tranquilamente, assim pastava, erguendo ao ar, de quando em quando, um zurro,

Sem fome, o tigre, pois há pouco havia devorado um antílope na selva, ao ver o manso burro que comia seu pasto, saboreando a verde relva,

com um ar desdenhoso, exclama altivo:  
— «E's bem um asno, um burro, ó pobre ser



de caricato aspecto inofensivo, se eu quizesse podia-te comer!»

— «E' certo mas sou útil; — (retorquiu o pobre burro ao tigre petulante) — enquanto vós, inútil qual vadio, só fazeis mal ao vosso semelhante!»

— «Mas sou forte! — (volveu, com ar de herói, o tigre sempre a amesquinhar o burro,) — O teu zurrar ao Homem não se impõe mas logo treme assim que ouve o meu urro.

Pobre imbecil, na Vida porque esperas?! Qualquer pessoa te subjuga e monta!...»  
Surge, entretanto, um caçador de feras que, vendo o tigre, a arma logo aponta.

Subito, ecôa um tiro na amplidão; cai o tigre por terra a estrebuchar!...  
Volve-lhe o burro ao vê-lo, assim, no chão:  
— «Que se impõe mais, teu urro ou meu zurrar?!»

Deveras humilhado, o triste herói sente afundar-se numa morte inglória...  
Nem sempre a força a criatura impõe; eis a moral desta pequena história!

## O JOGO DOS CAÇADORES

**O** jogo, que hoje oferecemos aos nossos pequeninos leitores, é duma grande facilidade e bastam dois dados para que se possa jogar, além de três marcas que poderão ser as do jogo do assalto ou, à falta destas, três simples botões, onde se inscreverão as letras X. Y. Z. para se distinguirem. Cada marca representa um caçador que, com seus companheiros, parte para a grande caçada.

Quando a soma dos pontos, pelo lançamento dos dados, não corresponda aos números indicados no jogo, marcam-se num papel e aguarda-se novo lançamento, até que a soma coincida com qual-

quer dos números relativos à respectiva peça de caça, onde a marca será colocada, indicando-se no papel, à parte, a peça morta. Chegados ao final do jogo, os caçadores contarão o número das peças que conseguiram matar e o que houver morto mais, será o vencedor.

O caçador que atingir o número 13, riscará as peças que tiver mencionadas, porque perdeu a rede no caminho.

O que atingir o número 50, desiste de jogar, por desastre com arma de fogo. O que atingir o número 90 perde cinco peças das últimas que houver caçado.

# A INVEJA CASTIGADA

POR MARIA DA CONCEIÇÃO MENDES

DESENHO DE ADOLFO CASTAÑÉ

**I**SABELINHA era uma linda menina de nove anos, filha de gente abastada e que muito a estremecia. Todos os seus menores caprichos lhe eram satisfeitos mas, mesmo assim, Isabelinha andava sempre triste e acabrunhada.

Os pais deveras inquietos, rodeavam-na, fazendo-lhe perguntas ácerca do seu estado de constante preocupação, mas a Isabelinha a nada respondia.

Várias vezes a haviam surpreendido em frente da modesta residência, fronteira à sua, fazendo gestos de ameaça.

Ora, nessa moradia pobre, vivia Ivone, uma pequenita da sua idade, que residia com seus pais, modestos jornalheiros.

Ivone era muito inteligente, e já sabia responder às diversas perguntas que lhe faziam, sendo, por isso, muito estimada por todos que a conheciam.

Isabelinha, pelo contrário, ainda não sabia ler e já, até, desistira de prosseguir na escola, preferindo a vida ociosa que levava. Sempre que esta pensava em Ivone, sentia um profundo rancôr pela inteligência da pobre criança, acabando por lhe atribuir as causas da sua irritação e mal estar, pelo que fazia projectos de vingança.

Certo dia, dirigindo-se a casa de Ivone e não encontrando nela os pais, resolveu tirar a sua des-



forra, impelida pela Inveja. Subiu à varanda, acendeu um fósforo e chegou-o aos livros de estudo da Ivone, dizendo para consigo: — «Agora, não mais estudarás, pobretona duma figa!» E sorria muito satisfeita. Imediatamente uma labareda se ergueu, consumindo tudo. Isabelinha, assustada, desatou a fugir mas, com a precipitação, talvez por Deus castigada, caiu em cima do lume, pegando-se-lhe o fogo aos vestidos. Pôs-se, então, a gritar, aflitivamente: — «Socorro... socorro! Acudam!...»

Ao ver os pais de Ivone e a sua própria mãe, que logo acudiram, Isabelinha, de mãos postas,

balbuciou, confusa e soluçante: — «Perdão, perdão! Fui eu quem pegou o fogo! Fui eu!»

A-pesar de não lhe terem podido evitar grandes queimaduras nas mãos e no rosto, conseguiram salvá-la, livrando-a das chamas.

— «Minha filha, — (disse-lhe, então, a mãe:) — aí tens o castigo da tua feia acção. Se não fôra esse teu sentimento de Inveja, não ficarias, assim, defeituosa!»

Daí por diante, Isabelinha tornou-se a melhor amiga de Ivone e, guiada por esta, conseguiu tornar-se uma aluna exemplar.

■ F I M ■

## O FOGO, A AGUA E A REPUTAÇÃO

Continuação da pagina 2

— «Tiveste uma bela ideia, (replicou a Agua) mas esqueceste que, como é nosso fadário andarmos em constante movimento, acabaremos por nos separar, para de novo, como agora, nos encontrarmos?»

— «Pela minha parte, — (respondeu o Fogo) — para me achardes, bastar-vos-á levantar os olhos e observar o horizonte; onde virdes o Fumo, que é meu filho, caminha nessa direcção e lá me encontrareis.»

— «Bela ideia! — (exclamou a Agua). Quanto a mim, examinai, simplesmente, o solo: onde distinguirdes a Humidade, que é a minha filha,

cavai e lá me encontrareis indubitavelmente.»

Confusa, a Reputação continuava silenciosa.

— «Tu que sinal nos dás?» — (preguntaram-lhe os companheiros).

— «Quando me perder de vós, — (respondeu a Reputação) — não me procureis.»

E explicou tristemente:

— «Aquele que, uma vez na vida, me perdeu, por mais que se esforce, jámais me encontrará novamente!...»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



# IV--DIABRURAS DE CHIQUINHO



I—Francisquinho ao contemplar num prato, em cima da mesa da salinha de jantar, rico doce—ai que beleza! —



II — não resistes à tentação de o furar com um dedinho, pois é grande gulotão nosso amigo Francisquinho.



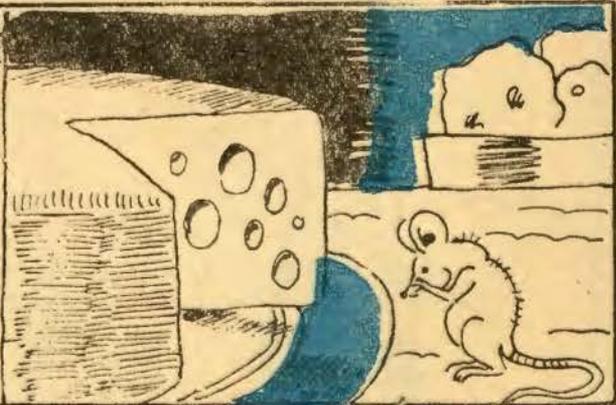
III—Mas, após meter um dedo, como lhe soubesse bem; meteu outro um pouco a médio temendo viesse alguém.



IV—Mas como ninguém surgiu, meteu outro e outro mais, lambeu-os e repetiu os seus gestos naturais.



V — Vendo o doce assim furado, ao jantar diz o paizinho: —«mas quem o pôs neste estado ?» Volve, então, o Francisquinho:



VI—Porque é que olhas para mim, o que estás em mim a vêr?! —«Este doce é mesmo assim, é como o queijo Gruyère.»